

**Director**  
**Área Internacional**  
 Lic. Alejandro Marcó del Pont

**CONTEÚDO**

<b>O crescimento da economia mundial</b>	<b>2</b>
Indicadores da OPEP	5
<b>Nuve Densa Latina: a dança ética e os ideais flexíveis</b>	<b>5</b>
Brasil: O FUTURO CAOS POR TAXA Ou POR DÓLAR	7
<b>Argentina: A perversa gravidade</b>	<b>11</b>
<b>A maldição dos recursos naturais</b>	<b>15</b>
Exportações commodities e seu aporte ao fisco	16
<b>Indicadores</b>	<b>18</b>
Últimos indicadores países centrais	18
UE	18
JAPON	18
EEUU	18
Últimos indicadores potências emergentes	18
INDIA	18
CHINA	19
Indicadores Países pivot	19
BRASIL	19
MEXICO	19
TURQUIA	19

## PANORAMA INTERNACIONAL

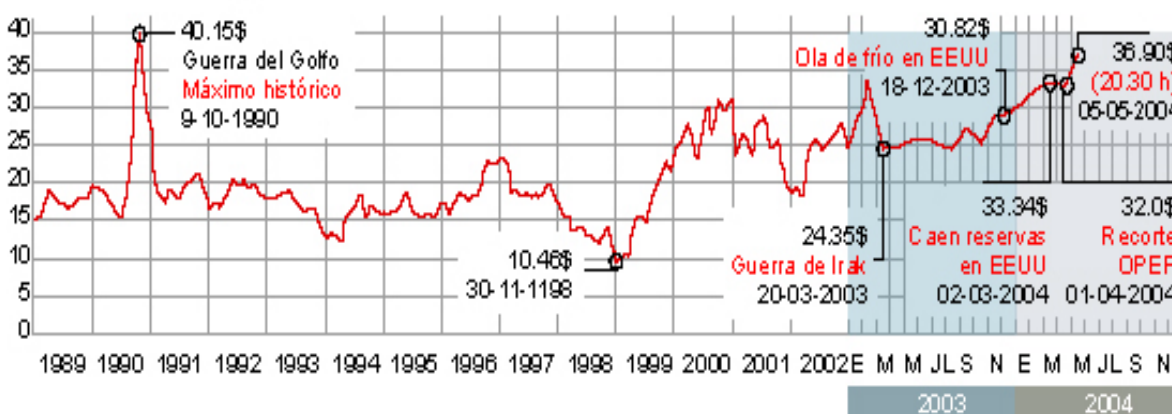
### O crescimento da economia mundial

A últimas duas semanas começaram complicadas. A publicações de novas fotografias de tortura de detentos iraquianos por soldados americanos bem como o desaprume no índice de aprovação do governo de George W. Bush, deram o pontapé inicial a uma série de indicadores pouco agradáveis para o futuro da economia mundial

O cru \*Brent ultrapassou os níveis de U\$S 37 o barril na sexta-feira 7 de maio enquanto \*WTI superou os U\$S 41 por primeira vez desde 1990 durante a guerra do golfo, no qual atingiu o preço máximo de Ou\$S 41.15 dólares por barril e, como antecipamos no Relatório Nº 79, os analistas afirmam cada vez com maior ênfase que se manterá num andar de de Ou\$S 40 por barril.

Os medos ao desabastecimento na campanha veraniega de EEUU e as tensões em Médio Oriente sócios ao forte incremento da demanda petroleira por parte de China, aparecem como as principais causas do aumento do cru nas ultimas semanas. As boas notícias que rodeiam ao mercado trabalhista norteamericano que consolidariam o bom momento pelo que atravessa sua economia e o iminente desponte da taxa de interesse por parte da \*FED/ (já realizado pelo Banco de Inglaterra lhe dariam um clima incerto ao crescimento mundial, e às expectativas latinoamericanas.

### Evolución del precio del barril de crudo Brent



elmundo.es

As variações do tipo de mudança a nível internacional afetaram a capacidade de compra dos países exportadores de petróleo. As pronunciada quedas do valor do dólar estadounidense, que marca os preços do ouro negro, mingüaram os superavit dos países exportadores de petróleo com a UE.

Estes países são grandes distribuidores de energia tanto a UE como a EEUU, mas são grandes importadores de produtos europeus, pelo que a avaliação do euro com com respeito ao dólar os colocou numa situação difícil. Aumentaram fortemente suas vendas a ambos lados do atlântico, mas a costa de uma menor capacidade de compra à UE.

As vendas de petróleo em dólares trocadas por bens e serviços em euros, afastaram-se de maneira significativa, pelo que é perfeitamente provável que um aumento do preço do cru seja sustentado com o fim de encurtar a brecha existente entre as moedas e restituir assim o poder de compra dos países exportadores.

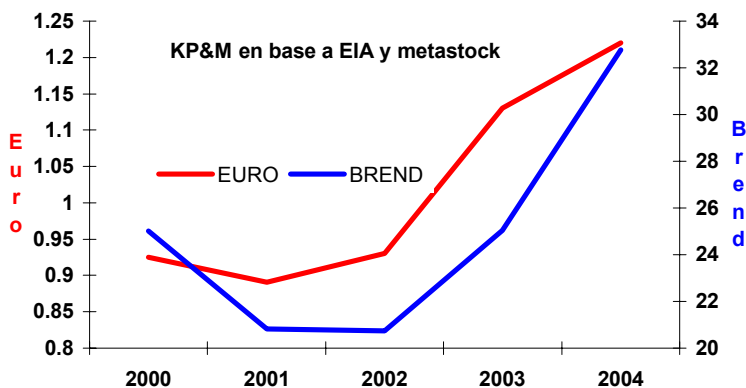
**Superavit OPEP com EEUU e UE em mm de dólares**

Anos	Superavit OPEP- EEUU	Superavit OPEP- UE
2001	39.701	11.595
2002	34.433	832
2003	51.038	5.379

Fonte: KP&M em base a OPEP

Assim o demonstra a evolução que sofreu o preço do barril Brent e a valorização do Euro. A valorização do euro em mais de um 21% durante do ano 2002 ao 2003 foi acompanhada por um aumento do 20% do preço do barril no mesmo período. O desponte da economia americana e seu aumento no consumo de cru ampliaram o superavit dos países exportadores de petróleo, mas a dependendo de uma maior quantidade de unidades vendidas.

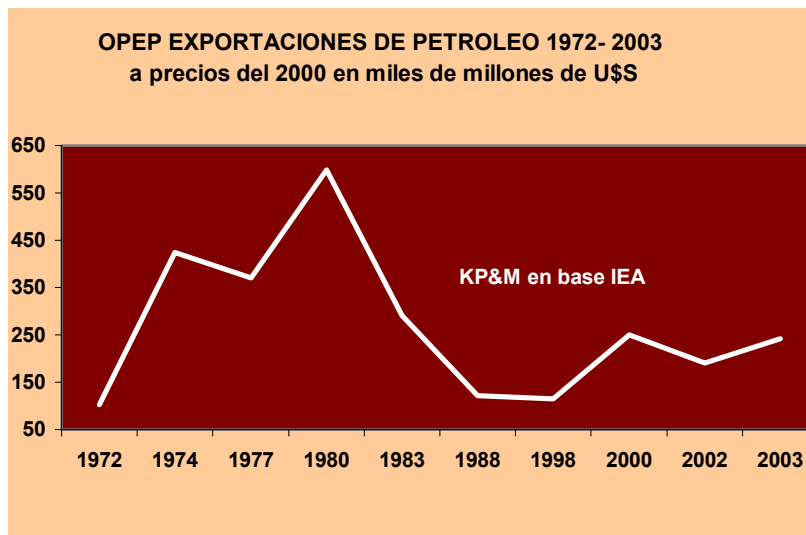
**COTIZACIÓN EURO - BARRIL BREND**  
media mensual en dólares



Apesar que as exportações aumentaram durante o 2003 de um 27%, as causas foram eventos extraordinários:

- ✓ Queda da produção venezuelana por problemas internos, cujo começo é em dezembro 2002
- ✓ Um gélido inverno no nordeste dos EEUU.
- ✓ Queda do inventário petrolero em EEUU
- ✓ Guerra de Iraque, o que provocou que a produção iraquiana começasse a reativar-se em meados do 2003.
- ✓ Queda da produção de Nigéria por problemas internos.

Ainda com o surgimento disto acontecimentos, sócios ao incremento de preços durante o ano 2003, as exportações petroleiras despontaram significativamente em relação ao derrube do 1989/99. Mas, ainda assim, encontram-se consideravelmente postergadas em relação aos bicos dos setenta e oitenta .



As épocas de glória das economias exportadoras de petróleo passaram, mas as reformas econômicas levadas a cabo em cada um dos países da OPEP, os níveis de desemprego e o crescimento econômico ocorridos durante o 2003 reavivaram a discussões entre seus membros, em relação do nível de preços que deveria manter o ouro negro para que seu crescimento econômico seja sustentável com o setor externo.

Já resulta impensado que os valores do oitenta retornem aos preços e às exportações, mas não parece lógico que as exportações atuais representem só o 22% dos anos de glória e que o rendimento petroleiro per capita tenha diminuído de U\$S 1.816 a U\$S 393 em 2004.

A realidade lhes marca aos países exportadores que a pouca produção de Iraque e a queda dos inventários em EEUU lhes dará uma nova oportunidade durante o 2004, apesar que as projeções estejam divididas quanto ao valor do cru. Estados Unidos aumento as importações de petróleo durante o 2003 em 7.4% e se estima que o fará em 1.5% no 2004. O preço média durante o 2002 pago pelos 10 milhões de barris importados diariamente foi de U\$S 23.71 e de U\$S 27.74 para o 2003: o preço para 2004 ultrapassará os U\$S 33.

A economia mundial se vê afetada pelos níveis nos que se encontra o preço do petróleo, sobretudo EEUU, que com uma população de menos do 5% da população mundial são os responsáveis do 45% do consumo global de petróleo, um pouco mais de 20 milhões de barris por dia.

Se a máquina americana se detém, a economia mundial também o faz, se o euro se desvaloriza, os pratos rompidos dos valores do petróleo o pagassem as economias européias que não puderam despegar do \*letargo de crescimento que mostraram. O que se parece firme é que os níveis e os preços do petróleo se manterão altos por um tempo.

**Indicadores da OPEP**

	<b>PBI 2003</b>	<b>Expo en mm U\$S</b>	<b>Ingresos Fiscales x petróleo</b>	<b>Desemp</b>	<b>Deuda en U\$S</b>	<b>Exp.de Petróleo mb/d</b>
<b>ARGELIA</b>	7%	17.100 (95% Petróleo)	75%	50% >30años	20.000	1.65
<b>INDONESIA</b>	3.9%	1.400 (85% Petróleo)	30%	10.6%	150.000	23.000
<b>IRAN</b>	4.5%	24.400 (80% Petróleo)	50%	16.3%	9.000	2.4
<b>IRAQUE</b>	s/d	9.600 (85% Petróleo)	80%	alto	145.000	S/d
<b>KUWAIT</b>	3.5%	19.000 (90% Petróleo)	92%	7.2%	10.400	2.17
<b>LÍBIA</b>	3.8%	13.500 (95% Petróleo)	75%	30%	4.400	1.25
<b>NIGÉRIA</b>	3.8%	21.300 (95% Petróleo)	80%	28%	29.700	2.1
<b>QATAR</b>	5.0%	9.300( 80% Petróleo)	70%	2.7%	15.400	47.000
<b>A. SAUDITA</b>	4.6%	81.000 (80% Petróleo)	80%	25%	25.900	9.9
<b>E. ARABES</b>	4.5%	22.400 (90% Petróleo)	90%	s/d	18.500	2.2
<b>VENEZUELA</b>		21.400(75% Petróleo)	50%	17%	40.000	3.0

Fuente: KP&M en base a OPEP y The World Fatbook

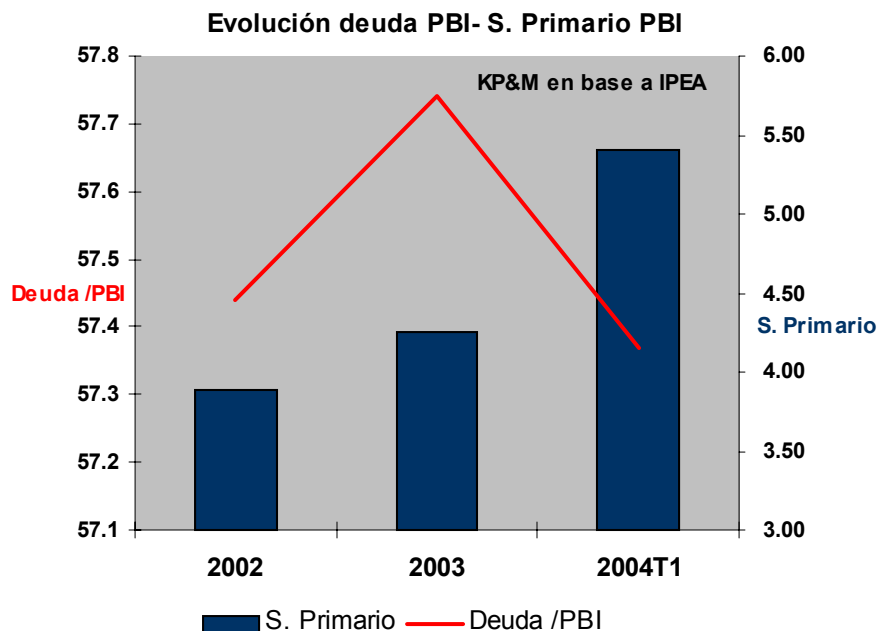
***NUVE DENSA LATINA: a dança etílica e os ideais flexíveis***

Enquanto os vaivéns do preço do petróleo se jogam nas bolsas, a exposição das economias latinoamericanas ficam mais ao descoberto. O presidente argentino demonstrou que os ideais são flexíveis à hora de negociar com as empresas privatizadas ante a crise energética. México parece um barco à deriva em matéria econômica desde o ingresso de V. Fox ao poder, mas avança a passos firma na concessão de áreas energéticas, antes privatizadas de PEMEX.

Quem merece um parágrafo aparte dados seus constantes e cada vez mais frequentes ataques epilepticos é Brasil. Não pela catarata de bobagem que os jornais querem vender, desde uma crise mundial na qual o país carioca é só um pobre receptor, até a distorcida visão que a um povo latino se lhe pode disparar o risco país pelas telúricas vícios de seu presidente. Senão porque as expectativas de aumento da taxa de interesse americana fizeram impressão nos cinco anos e três meses da fracassada política de metas de inflação.

Por uma dessas coincidências do destino o índice record de desemprego de Sao Paulo 20.6%, foi anunciado o mesmo dia em que se anunciou outra cifra, também record: o superavit primário do primeiro trimestre do ano R\$ 20.528 milhões (U\$S 7.100 milhões) ou 5.41% do PBI.

Brasil se converteu numa máquina de gerar superavit fiscais só com o fim de manter estável uma dívida que os mercados cada vez vêem mais improvável que possa suportar .



A curta idéia de que as altas taxas de interesse são a única condição para atrair ao capital externo que incremente a poupança e financie o déficit, hoje é a resultante de um impacto negativo na balança de pagamentos e a saída de recursos pelo pagamento de dívida.

O bom desempenho da conta corrente no 2003 amenizou a necessidade de poupança externa, mas o conveniente resultado tinha dois eixos fundamentais:

1. O alto preço dos \*commodities/ e uma crescente demanda de China, sócios a um deprimido nível de atividade interna, e
2. Uma taxa de interesse de EEUU historicamente baixa.

Quando certos indicadores americanos, como o nível de emprego e a inflação, começaram a jogar em contra dos deprimidos níveis de interesse e as possibilidades de um aumento de taxas tomaram forma, o risco da dívida se \*potencializó. Uma notícia mais instalou uma notícia mais instalou a tormenta: China anunciou medidas para reduzir o ritmo de crescimento de sua economia para conter a inflação. Uma redução do crescimento de Chinesa do 9% ao 7% afetará negativamente o preço dos commodities.

Capitais que retornam a portos mais seguros e preços menores a níveis internacionais são um seguro entrave para o crescimento da economia de Brasil. O 2003 o setor externo salvou da fogueira a Lula, mas agora as necessidades de finasamento e a possibilidade de redução do testa exportador, unem-se .

O futuro incremento da taxa de interesse americana arcará dores de cabeça à maioria dos países latinoamericanos, mas a Brasil em particular. Sim bem o ano passado o \*IIF (\*The \*Institute \*of Internacional \*Finance) tinha prognosticado um rendimento

de capitais externos de Ou\$S 11.000 milhões para o colozo do sul, só ingressaram algo próximo aos dez mil milhões. A princípio deste ano as previsões do Instituto eram de U\$S 24.400 milhões para A dos quais um 50% seriam para Brasil.

### **Brasil: O FUTURO CAOS POR TAXA Ou POR DÓLAR**

As últimas oscilações do tipo de mudança em Brasil puseram em alerta à maioria dos mercados latinoamericanos e, em especial, ao índice de bursátil do próprio país. A apreciação dos investidores sobre os contratemplos que teria que enfrentar o governo de Lula ante uma suba das taxas de juro em EEUU são eloquentes.

O tamanho da dívida de Brasil é perfeitamente visível, o que talvez não seja tão fácil apreciar é sua fragilidade. A geração de superavit primário é um argumento utilizado \*recurrentemente para justificar o esforço fiscal pago pelo povo brasileiro. No entanto, desde sua implementação em 1999, não teve sucesso algum, já que a dívida passou do 48.6% do \*PBI, no ano de sua implementação, ao 57.6% em fevereiro deste ano .

Para aclarar este argumento mostraremos os componentes de variação da dívida pública em cada período:

$$D_t = D_{t-1} + i - SP + (E-P) (+-) DF \quad (1)$$

**D<sub>t</sub>** = dívida do período

**D<sub>t-1</sub>** = dívida do período anterior

**i** = **interesses** pagos

**SP** = **Superávit Primario**

**(E-P)** = reconhecimento dívida anterior

**DF** = **diferença** de mudança

Os fatores condicionantes da dívida, segundo a igualdade, podem dividir-se em 2 principais e 3 secundários. Dentro dos principais, em primeiro lugar encontramos as necessidades de financiamineto do setor publico \*NFSP, diferença entre os interesses pagos e superavit primário, e em segundo lugar a diferença de mudança. Os outros três componentes menos importantes são outros ajustes da dívida externa, reconhecimento de dívida anterior e variações patrimoniais (privatizações).

O principal indicador de solvência tomado o governo de Brasil, Dívida/\*PBI depende do comportamento de três variáveis:

1. Taxa de interesse real (incluída aqui a taxa de mudança);
2. Crescimento do PBI (aumenta a arrecadação e reduz o denominador)
3. Superávit primario

Quanto maior seja a diferença entre os interesses e o crescimento da economia, maior será o superavit primário necessário para estabilizar a relação Dívida / PBI.

O quadro mostra os elementos que incidem sobre a dívida em 2001, 2002 e 2003, dando a importância necessária aos dois fatores determinantes: NSFP e ajuste cambial. No ano 2001, uma desvalorização do real do ordem do 22.05% contribuiu ao

incremento da dívida em R\$ 37.814, enquanto NFSP o fez em R\$ 42.789. Isto é que do aumento total da dívida (R\$ 97.704), quase o 40% esteve impulsionado pelo tipo de mudança e o 43.44% pelo NFSP.

Para o 2002, onde a crise cambial teve uma grande relevância ao depreciar-se o real num 52.%, o impacto foi maior. O ajuste cambial da divisa foi de R\$ 147.225 e as necessidades de financiamineto de R\$ 61.614. Ambas colaboraram num 94.8% ao aumento da dívida

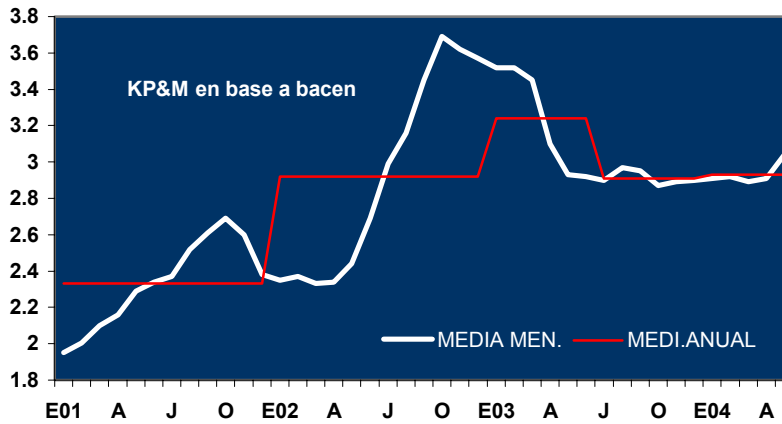
**Fatores condicionan da dívida**

<i>En R\$ millones</i>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>
<b>Interés deuda interna</b>	<b>72.112</b>	<b>96.975</b>	<b>126.050</b>
<b>Interés deuda externa</b>	<b>14.332</b>	<b>17.029</b>	<b>19.160</b>
<b>Intereses totales</b>	<b>86.444</b>	<b>114.004</b>	<b>145.210</b>
<b>Superávit primario</b>	<b>-43.655</b>	<b>-52.390</b>	<b>-66.173</b>
NFSP	42.789	61.614	79.037
<b>Ajuste de cambio (a+b)</b>	<b>37.814</b>	<b>147.225</b>	<b>-47.604</b>
a)Variación deuda por indexación cambiaria	19.182	76.662	-22.722
b)Variación deuda externa ajuste cambiario	18.250	71.317	-24.882
<b>Reconocimiento deuda</b>	<b>18.465</b>	<b>14.286</b>	<b>604</b>
<b>Privatizaciones</b>	<b>-980</b>	<b>-3.637</b>	<b>0</b>
<b>Variación deuda</b>	<b>97.704</b>	<b>220.241</b>	<b>32.037</b>
<b>Total deuda</b>	<b>660.867</b>	<b>881.108</b>	<b>913.145</b>

Fuente: KP&M en base a BACEN

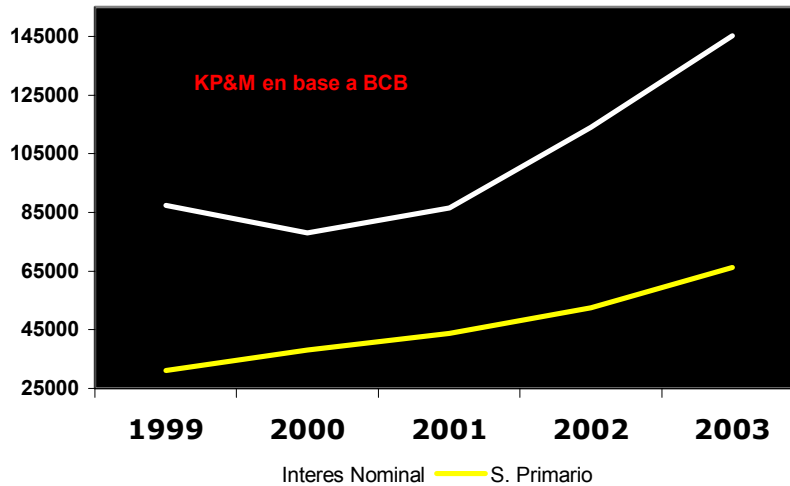
Uma situação totalmente diferente ocorreu no 2003. No primeiro semestre do ano se incrementou a taxa de interesse, mas teve uma redução do dólar que, ao começar o ano extremamente alto (R\$ 3.52 reais = U\$S 1), fez que a média semestral do dólar em gráfico seja alta. Na segunda metade do ano, a taxa de interesse se reduziu e o dólar permaneceu estável, tendendo à baixa. No ano o dólar se \*desvalorizo num 17.6%.

**Evolución tipo de cambio**



O resultado para o ano 2003, foi que o ajuste cambial diminuiu a dívida em R\$ 47.604 milhões, ainda que as necessidades do \*financiamento foram maiores pelos aumentos da taxa de interesse do primeiro semestre do ano

**Evolución interes-superávit (en millones de R\$)**



Em definitiva, o ajuste do tipo de mudança depende da evolução da dívida, das contas do setor externo e da liquidez do mercado internacional. Todas e cada uma delas são variáveis altamente sensíveis à variação da taxa de interesse em EEUU.

Quanto maiores sejam os saldos comerciais e o rendimento de capitais, maior será a pressão para a valorização do real. Quanto mais líquido é o mercado internacional de crédito e mais fácil é renegociar dívida, caçula é a pressão sobre o tipo de mudança. A taxa de mudança joga um papel fundamental no equilíbrio da dívida. Como no 2003, a

depreciação do dólar, ocultou e diminuiu o tamanho do endividamento externo. Mas uma mudança de humor nos mercados financeiros, como o atual (desvalorização do real) deixa ao descoberto a fragilidade da dívida e a aumenta.

As contas públicas \*NFSP dependem basicamente do superavit primário, mas, como mostra o gráfico anterior, o ônus de interesses supera em mais de 2 vezes ao superavit. Como os principais elementos que compõem o pagamento de dívida são o tipo de mudança e a taxa de interesse (\*SELIC), desprende-se que \*NFSP depende da taxa de interesse.

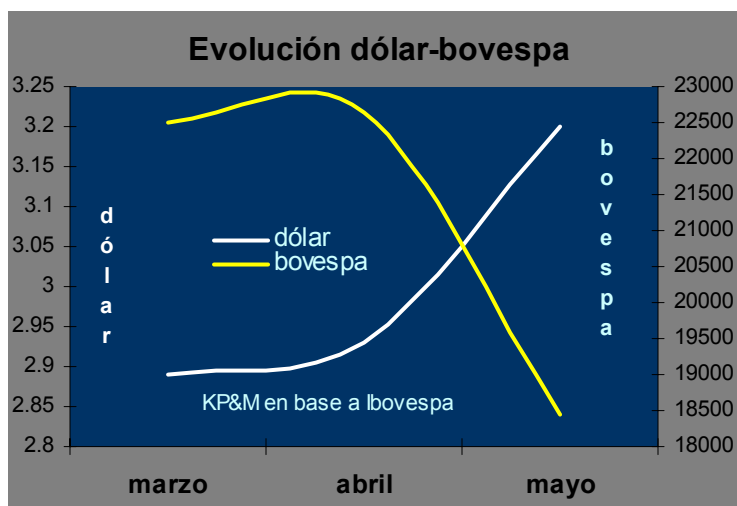
Uma modificação na taxa de interesse americana, deteria a baixa da taxa SELIC de Brasil, aumentando a dívida, fugando capitais, pressionando sobre o tipo de mudança e o superavit fiscal. Aumento de taxas e aumento do tipo de mudança incrementam a dívida e obrigam a aumentar o superavit fiscal para manter a relação Dívida / PBI dentro dos limites do indicador de solvência.

Taxa de interesse e tipo de mudança estão entrelazados com a dívida de Brasil e ambos indicadores podem ser controlados pelo governo, já seja através de intervenção ou regulação nas políticas de mercado. Mas, segundo o discurso oficial, a intervenção do mercado cambial se encontra fora de seus desejos pelo que, das duas variáveis em dança, só controla uma.

Mas da variável que controla com política monetária (taxa de interesse) é, segundo a óptica neoclássica, dependente das taxa de interesse externa mais rego (regio país), pelo que seu controle é só imaginário. Sim a taxa de interesse externa sobe, precisa-se aumentar a interna para deter a fuga de capitais ou atrair capitais para financiar o déficit entre interesses e superavit primário. Aumentar a taxa implica aumento de dívida, fuga de capitais implica aumento do tipo de mudança.

Ainda que o título do apartado é perturbador, pouco halagueño e alguém possa pensar que o sangue não chegará ao rio, as expectativas estão mais do que cumpridas com a manutenção da taxa de interesse por parte do Banco Central em 16% no dia 19 de maio. A única variável que maneja o BCB é totalmente dependente das oscilações externas mais do que das necessidades internas

O Banco Central e os mercados se estão sacando um clima muito mas hostil nos próximos meses, quando por questões estacionais o tipo de mudança aumente levemente, tal como o fez nos últimos anos. Os próximos meses serão claves para Brasil, em particular para o governo de Lula já que, segundo a última enquete do IBGE, o 46.7% dos brasileiros não comem o suficiente e o 85% não chega a fim de mês.



Por último, vale a pena realizar uma aclaração a respeito do avanço do dólar em Brasil e da deterioração dos indicadores e a vulnerabilidade externa aos que fizemos referência em parágrafos anteriores

No dia 20 de maio, num dia depois de do vencimento de U\$S 2.200 milhões de dívida, o dólar seguiu sua marcha ascendente para os R\$ 3.20 por dólar, o maior valor desde o 11 de abril de 2003

O primeiro indicador de preocupação para o mercado foi o déficit para abril de U\$S 735 milhões em conta corrente da balança de pagamentos, por ser o primeiro resultado negativo em conta desde novembro 2003. Apesar que os valores se encontravam dentro das previsões do BCB, devido ao pagamento de dívida U\$S 1.708 milhões e ao o impacto da \*remeses/ de ganhos e dividendos por U\$S 823, o que não esperava o BCB foi os \*montos de rendimentos de capitais estrangeiros

O investimento estrangeiro direta para abril foi de U\$S 381 milhões, muito por embaixo dos Ou\$S 500 milhões previsionado por BCB e um 52% caçula que os rendimentos registrados para o mesmo mês do ano 2003.

Se se observa o gráfico da evolução do dólar e o mercado de valores, a turbulência tem seus começos em abril onde, além dos \*avatares/ externos, as empresas tinham podido renovar só o 67% de suas dívidas no mercado internacional, enquanto o mesmo mês do ano anterior, a renovação atingiu o 85%.

Os mercados intuem que os dados de Abril são a ponta do novelo da crise, pelo que a soma da queda dos commodities, a fragilidade da dívida, a taxa de juro, e o magro rendimento de capitais poderão um novo andar ao dólar de R\$ 3.10 por dólar reafirmando, na prática, as explicações anteriores.

**Argentina: A perversa gravidade**

Chutar o tabuleiro sem que se movam as fichas é algo impossível de realizar, ao menos enquanto continue vigente a lei de gravidade. Até o chegada da crise energética, o governo se comportava como qualquer progressista o tivesse sonhado

Ataques constantes ao FMI, mas sem dever uma quota, cruzadas discursivas sobre a dívida interna, mas sem redistribuir a renda, intermináveis batalhas pela recuperação nacional, mas sem tocar uma privatização

Muito antes que as petroleiras lhe torcessem o braço ao presidente e decretasse todo tipo de aumentos, tinha começado o jogo e, como se verá, a idéia de reprivatizar todo como única opção verdadeira, mas com maior honestidade, resultou a única política aplicável.

O governo, ao igual que nos começos do menemismo, analisa 61 contratos de concessão para determinar o comportamento das empresas e a forma de renová-los. Tanto o governo como os meios de difusão, e até o âmbito acadêmico, dão por sentado que a única opção de exploração dos serviços públicos é a empresa privada.

Um governo que constantemente se enfrenta em forma verbal aos poderes econômicos internacionais, não quer dar-se conta do leque de opções que existe para manejar os serviços públicos e que as alternativas não são puramente econômicas, senão de influência política.

Quem controle os serviços públicos controlará a maior caixa do país, portanto, a configuração de poder dependerá da proporção que obtenha (empresas estrangeiras, financistas, empresas locais, etc). Segundo Alfredo e Eric Calcagno<sup>1</sup> teria uma série de critérios a ter em conta à hora de manter as privatizações ou avaliar sua mudança:

1. Determinar o critério que deve prevalecer na prestação do serviço (o critério de bens públicos ou empresa privada)
2. Privação da renda dos serviços.
3. Endividamento das empresas.
4. A natureza de funcionamento da empresa

Quanto ao primeiro ponto as diferenças são substanciais. Sim o estado exerce a função antepoñendo o interesse geral, ingressará em setores ou lugares nos que pode obter perda. Em caso que se privilegie a rentabilidade, se favorecerá aos setores de maiores rendimentos para expandir ou melhorar os serviços esquecendo aos postergados.

O segundo ponto não merece comentários, só com respeito à capacidade ou incapacidade de gerenciar. Quanto ao terceiro tem que ver com endividamentos e manejos financeiros das casas matrizes com seus filiais que operam os serviços na Argentina, comprando a preços gigantesco ou contratando serviços desnecessários com o fim de enviar remessas à casa matriz.

Por último, o funcionamento da empresa se relaciona com a autoridade (quem decide sobre a cobertura e qualidade dos serviços), a propriedade (quem tem o poder final e para onde se dirigem as ganho ou perdas) e a gestão (a gerência). Cada uma destas partes não tem necessariamente que se concentrar na mesma empresa.

---

<sup>1</sup> "Que fazer com as privatizadas" Alfredo e Eric Calcagno Lhe monde Diplomatique N° 54 \*pag 6.

Além das diferentes formas, iniciativa privada, estatização, empresas mistas, concessão, e suas combinações se supõe que a necessidade de reindustrializar, estender e incluir o consumo de serviços públicos à economia e abastecer à população, são a norma em crescimento. Argentina só dispõe como agente econômico importante às empresas estrangeiras donas e prestadoras de péssimos serviços para que o realize. Que fazer?, Enfrentá-las ou ceder?

A escassa ou nula idéia de imaginar um modelo alternativo de desenvolvimento por parte do governo com os excedentes do setor externo (como veremos no seguinte apartado) \*conjeturan uma resposta. A segunda alternativa seria a resposta dada pelo governo à crise energética, que aos olhos de espanhóis é :

*"A grande beneficiada com a crise é \*Repsol \*YPF, que com um 50% da produção de gás do país e depois de dois anos com tarifas um 66% por embaixo do preço internacional, viu abertas as portas do céu com o novo marco regulatório"<sup>2</sup>*

**Subsídio mensal a trens 2003 – 2004**

Meses	\$
Febrero	13.200.000
Marzo	10.407.836
Abril	10.407.750
Mayo	25.745.101
Junio	12.916.631
Julio	12.916.631
Agosto	12.916.631
Septiembre	16.653.453
Octubre	16.674.341
Noviembre	13.082.371
Diciembre	13.082.371
<b>Total 2003</b>	<b>158.003.116</b>
Enero 2004	10.352.470
Febrero	10.352.470
Marzo(*)	10.054.444
Abril	10.054.444

(\*) penalidad 302.202 en marzo y Abril  
 Fuente: KP&M en base S. de Transporte

Enquanto energicamente o governo lhe reclamava à empresa Metropolitana por sérias deficiências no transporte ferroviário Gral. San Martín, a seguia premiando um subsídio de \$ 842.079 mensal. Isso sim, penalizando-a por seus não cumprimentos com \$ 78.050.

<sup>2</sup> Boletim Econômico financeiro N° 457, A Caixa Madri, \*pagina 10.

Os principais queixas dos usuários apontam diretamente à linha em questão que, ainda que não é a única, encabeça o ranking de queixas. Depois do reconhecimento do Ministério de Economia e de Planejamento sobre os maiores custos enfrentados pela empresa, o Estado aumentou em 19 milhões de pesos mensais os subsídios às quatro concessionárias do área metropolitana.

O incremento dos aportes por parte do Estado, tem por objeto cobrir a taxa de gás-\*oil e manter congelados os passagens. O governo se fez cargo, ademais, da remodelação das estações, das obras de infra-estrutura previstas pelo programa PLANIFER (programa de investimento ferroviário que se anunciou em fevereiro destinando \$450 milhões neste ano), mais duas locomotivas novas para aumentar a frequência.

O mesmo jogo, mas a níveis absurdos seguem os ramais de ônus. Estes têm suas tarifas descogeladas e os investimentos suspensos. Aumentaram o ônus transportado durante o 2003 num 18%, faturaram \$450 milhões no primeiro trimestre deste ano e nos 12 anos que levam privatizados moveram mais de 20 milhões de toneladas anuais, uma marca que não se dava desde 1960.

Para o governo, este é um contexto favorável para renegociar os contratos, mas isto se fará uma vez que termine de polir as novas regras que a Unidade de Análise e Renegociação (\*UNIREN) quer introduzir. As mudanças mais destacadas consistem em:

1. Flexibilização dos investimentos que devem realizar os \*concessionarios
2. Traslado ao Estado das obras de infra-estrutura
3. Introdução de novos operadores que possam competir com os atuais<sup>3</sup>

Ainda que pareçam desgrenhadas as propostas realizadas pela Unidade de Renegociação, são menos \*entendibles quando se conhecem os relatórios da \*CNRT/ (Comissão de Regulação de Transporte) e da \*Auditoria/ General da Nação. Os relatórios de ambas dependências coincidem em que todos os \*concessionarios estão em falta. Só cumpriram, em média, o 40% dos investimentos e todas as empresas endividam cânnon ao Estado.

Energia, trens, água, quase todos os serviços privatizados se somaram à longa lista de advertências lançadas pelo presidente Kirchner e pelo chefe de Gabinete Alberto Fernández desde o ano passado. O verdadeiro é que todos conseguiram, antes de tempo os requerimentos do FMI: aumento de tarifas em lugar de revisão de contratos.

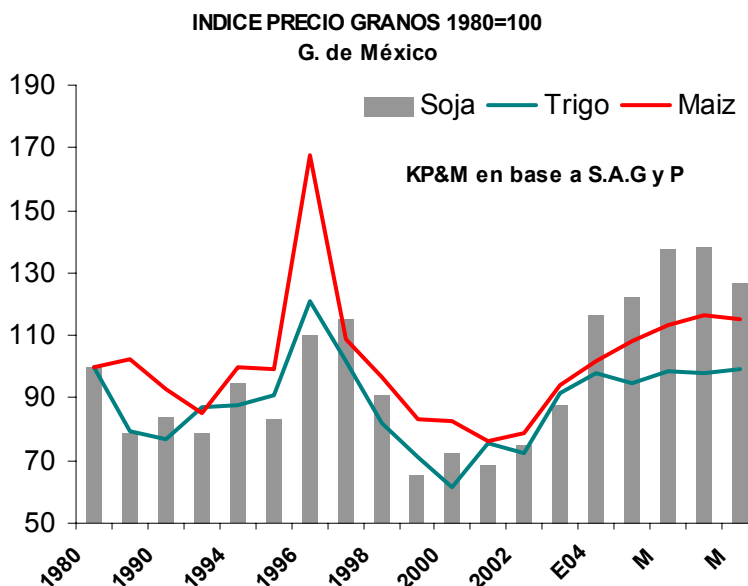
Apesar de seu discurso progressista, os fatos não se \*condicem com os ditos. \*Garrafas que não se sabe onde se compram, empresas nacionais de petróleo sem petróleo, níveis elevados de pobreza, superavit que não se sabe onde vai e um panorama mundial e regional pouco \*halagador. Parecesse que o impulso que qualquer economia toma depois de tocar fundo, está tentando ser retido pela carência de um horizonte econômico. A base está, o modelo segue igual.

---

<sup>3</sup> Apuran as renegociações dos contratos de ramais de ônus: \*Clarín 22/05/04 \*pag 14

## A maldição dos recursos naturais

Argentina se esta convertendo num país de monocultivo”, “Só a soja e o petróleo estão salvando ao setor externo”. Estes, como tantos outros, são a tendência dos manchetes nos diários que qualquer habitante destas \*pampas/ lê.



Para fins dos setenta, mediados dos oitenta e na atualidade, os preços dos \*commodities/ experimentaram subas astronômicas. Mas se em nenhuma dos dois primeiros períodos Argentina experimentou melhoras apreciáveis nos rendimentos de sua população Por que o faria agora?

A estrutura exportadora argentina não é geradora de emprego nem de valor agregado. Cada aumento internacional do valor das matérias primas é uma oportunidade da economia para modificar sua estrutura produtiva e substituir os ganhos extraordinários do comércio exterior por um modelo de crescimento sustentável e abarcador.

Porque aproveitar-se desta circunstância fortuita?. Por que é um dos poucos momentos nos que a intervenção do estado pode apoderar-se de uma parte dos ganhos extraordinários pela exploração de bens naturais de propriedade social e reconstruir o aparelho produtivo. No caso contrário, no que os níveis de apropriação da renda extraordinária sejam magros e sem um plano de investimento alternativo, qualquer movimento externo em contrário à suba de preços afetará diretamente as arcas do estado e seu poder \*distributivo.

Uns quantos exemplos aclaram os ditos. Do total dos rendimentos tributários (\*exceptuando S. Social) as retenções representaram o 14.71% para o ano 2003, enquanto o imposto aos créditos e débitos em Cta. Cte. (imposto ao Cheque) significo um 9.42%.

Os embarques de soja, milho, trigo, girassol, como mostra o quadro atingiram os U\$S 10.623 milhões para o mesmo ano, contribuindo ao fisco U\$S 2.124 milhões. Por sua parte as petroleiras exportaram por U\$S 3.216 milhões, contribuíram ao fisco U\$S 493.2 milhões.

**Exportações commodities e seu aporte ao fisco**

Detalle	Exportaciones 2003	Total de Ingresos Fiscales (*)
<b>Exportaciones totales (en U\$S)</b>	<b>29.375</b>	<b>21.600</b>
	<b>Participación</b>	
	<b>En las exportaciones</b>	<b>En los ingresos</b>
<b>Complejo soja, girasol, trigo, maíz (**)</b>	<b>10.623</b>	<b>2.124</b>
<b>Petróleo</b>	<b>2.261</b>	<b>447</b>
<b>Nafta, gas-oil otros</b>	<b>978,6</b>	<b>50</b>
<b>Participación en las exportaciones</b>	<b>13.862,7</b>	<b>2.621</b>
<b>Participación en los ingresos fiscales</b>	<b>47,19%</b>	<b>12,14%</b>

(\*) No incluye S. Social

(\*\*) Incluye: cereales, semillas y frutos, grasas y aceites y residuos ind. alimenticia

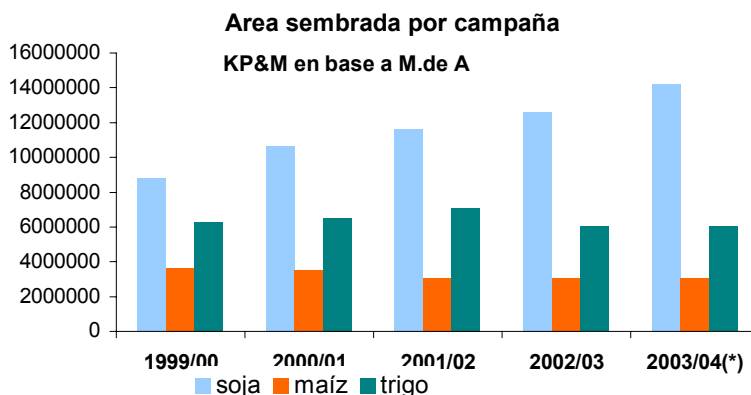
Fuente: KP&M en base a Ministerio Economía

Como bem mostra o quadro, os recursos naturais tem uma grande incidência nas exportações totais, mas sua contribuição ao fisco é quase três vezes menor do que o imposto mas regresivo da Argentina: o IVA. Em outras palavras, o IVA que pagam todos os consumidores contribui 2.75 vezes mais do que a desintegração do solo e de recursos não renováveis.

**Toneladas exportadas e principais países 2003.**

Tipo de grano	TN expo 2003	% expo	País destino del total exportado	% TN
<b>Maíz</b>	<b>11.649.036</b>	<b>41.95%</b>	<b>China</b>	<b>21.79%</b>
<b>soja</b>	<b>8.850.621</b>	<b>31.87%</b>	<b>Brasil</b>	<b>20.07%</b>
<b>Trigo</b>	<b>6.036.660</b>	<b>21.75%</b>	<b>Egipto</b>	<b>5.20%</b>
<b>Sorgo</b>	<b>583.793</b>	<b>2.10</b>	<b>Chile</b>	<b>4.41%</b>
<b>Aceite</b>	<b>5.461.213</b>	<b>10.07%</b>	<b>España</b>	<b>4.14%</b>

Fuente: KP&M en base M. Agricultura



O maior aumento das exportações foi a China (116%) concentrado em soja e azeite. Tanto este país como Brasil, ainda que por diferentes motivos, podem retrair a compra destas mercadorias. Um por que está tentando deter sua economia (China) e o outro (Brasil) porque esta passando uma crise cambial. De qualquer maneira, o preço destes \*comodities está tendendo à baixa no mercado de Chicago.

Argentina está desperdiçando os tempos de rendimentos extraordinários por não aumentar os tributos a quem, não só se beneficiaram com a desvalorização, senão que são quem manejam as exportações e se apropriam dos ganhos.

Dez assinaturas transnacionais manejam o 96.09% das exportações de grãos argentinos. Hoje expõem de maneira marginal sua queixa sobre as retenções, porque o vaivém dos preços internacionais lhes foi favorável, aumentando um 17% em 2003 os produtos primários e um 16% os combustíveis. Mas quando a tendência mude, seus ganhos se verão afetadas e então será outro cantar.

**Exportação de grãos por assinatura 2003.**

<b>Firma</b>	<b>%</b>
Cargill	19.49%
La Plata cereales	15.49%
Toepfer	15.31%
A.M.D Argentina	11.31%
Dreyfus	9.95%
Nidera	8.52%
A.C.A	7.67%
A.G.D	3.34%
Noble Argentina	2.80%
Bunge Argentina	2.21%
<b>TOTAL</b>	<b>96.09%</b>

Fuente: KP&M en base M de A.

Grandes flutuações de rendimentos, políticas digitadas para o pagamento de dívida dando prioridade ao setor externo e apreciación do tipo de mudança, são algumas das conseqüências que traz aparejada a dependência de poucos produtos exportados em mãos externas.

Os mercados de futuros marcam uma forte tendência à baixa dos principais produtos exportados. Os preços para Janeiro do 2005 fixados em ardósia, mostram quedas do mais do 20% para a soja, azeite de soja (14.46%); farinha de soja (23.54%)e \*Pellet de soja (2%). A grande dependência de China e o retrocesso Brasil marcam uma nova oportunidade perdida e com uma estrutura produtiva pior que antes da crise.

**Indicadores**

**Últimos indicadores países centrais**

UE	Período	2004	2003	Variación	Mes anterior
Exportaciones en millones Euros	Marzo	100.4	89.7	12%	87.0%
Importaciones	Marzo	90.2	86.3	5%	80.5%
Balanza Comercial	Marzo	10.2	3.4	-	6.5%
IPC	Abril	0.4%	-	2.0%	-
Desempleo	Marzo	8.8%	8.8%	-	8.8%

JAPON	ENERO	FEBRERO	MARZO	ABRIL
Ventas al por menor	0.9%	1.8%		
Producción Industrial	6.5%	3.8%		
Viviendas nuevas	3.2%	7.3%	1.9%	6.9%
Desempleo	5.0%	5.0%		

EEUU		2004	2003	ANTERIOR
IPC	Abril	0.21%	-0.33%	0.41%
ISM servicios	Abril	68.4%	64.1%	65.8%
ISM Industria	Abril	62.4%	62.5%	62.5%
Confianza consumidor	Abril	92.9%	91.6%	88.5%
Desempleo	Abril	5.6%	6.0%	5.7%

**Últimos indicadores potências emergentes**

INDIA	MES	DATO	AÑO ANTERIOR	VARIACIÓN
Producción Industrial	marzo	208.1	195.0	6.7%
Tipo de interés	Mayo 7	6.0%	6.0%	0%
Prestamos	Mayo 7	10.25-11.0%	10.50-11.50%	
Rupias por dólar	Mayo 14	45.44	47.14	3.7%
Exportaciones en U\$S M	Abril-Marzo 2003-04	61.845	52.741	17.26%
Importaciones	Abril-Marzo 2003-04	75.209	60.188	24.96

<b>CHINA</b>	<b>MESES</b>	<b>Variación</b>
Industria primaria	Ac. Enero -Abril	4.5%
Industria secundaria	Ac. Enero -Abril	11.0%
Industria terciaria	Ac. Enero -Abril	7.7%
Ventas al por menor	Ac. Enero -Abril	9.8%
Venta B. De Consumo	AC.Enero-Mayo	8.7%

Indicadores Países pivot

<b>BRASIL</b>	<b>ENERO</b>	<b>FEBRERO</b>	<b>MARZO</b>	<b>ABRIL</b>
Ventas comercio minorista	3.21%	5.98%	11.36%	
IPCA	0.76%	0.61%	0.47%	0.37%
Exportaciones en U\$S M	5.799	5.722	7.927	6.590
Importaciones	4.215	3.740	5.325	4.632
Balanza Comercial	1.584	1.982	2.602	1.958

<b>MEXICO</b>	<b>Enero</b>	<b>Febrero</b>	<b>Marzo</b>	<b>Abril</b>
Desempleo	3.60%	3.58%	3.69%	3.58%
Exportaciones en U\$S Total	12.679	14.023	16.591	14.939
Maquila	5.765	6.528	7.536	6.702
No maquila	6.922	7.494	9.055	8.237
Importaciones	12.872	14.076	16.769	15.422
Ind. Glob. Activ. Económica	-0.5%	-1.6%	2.5%	

<b>TURQUIA</b>	<b>Enero</b>	<b>Febrero</b>	<b>Marzo</b>	<b>Abril</b>
Exportaciones en U\$S	4.420	3.584	4.999	
Importaciones	6.064	6.041	8.107	
Balanza Comercial	-1.644	-2.456	-3.108	
Confianza del consumidor ind.	114	111.9	111	111
Indice produc. Industrial	110.3	100.8	123.7	